

O MANEJO DAS CRISES CONVULSIVAS EM PEDIATRIA E A SIMULAÇÃO CLÍNICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ENFERMAGEM

Francisca Cleane Barros de Araújo

Discente- Centro Universitário Fametro- Unifametro

francisca.araujo01@aluno.unifametro.edu.br

Natália Nunes de Freitas

Discente- Universidade Federal do Ceará- UFC

natalianunesf@alu.ufc.br

Ana Luiza Simplicio Silva

Discente- Universidade Federal do Ceará- UFC

Analu.simplicio24@alu.ufc.br

Karoline Galvão Pereira Paiva

Docente- Centro Universitário Fametro- Unifametro

karoline.paiva@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Prática docente e tecnologias educacionais

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: XIII Encontro de Monitoria

RESUMO

Introdução: A epilepsia é uma doença neurológica de alteração temporária e reversível do cérebro. Quando falamos em pediatria, as convulsões infantis constituem um fenômeno neurológico mais comum e mais complexo para essa faixa etária. A simulação clínica em saúde é uma ferramenta que procura reproduzir a realidade, sendo uma proposta de reprodução de cenários clínicos simulados, que veem com o intuito de promover diferentes competências na esfera do cuidado.

Objetivo: Descrever a contribuição da simulação realística nas competências de enfermagem para pacientes pediátricos com crises convulsivas. **Metodologia:** Esta pesquisa tem métodos de caráter observacional e descritivo, sobre a contribuição da simulação realística nas competências de enfermagem para pacientes pediátricos com crises convulsivas. **Resultados:** A análise da literatura evidenciou que a simulação realística é amplamente reconhecida como estratégia eficaz para desenvolver competências clínicas em enfermagem pediátrica. **Considerações finais:** A simulação realística, quando aplicada de forma estruturada e contextualizada ao cuidado pediátrico, é capaz de elevar a qualidade da assistência e fortalecer competências clínicas no manejo de crises convulsivas.

Palavras-chave: Crises Convulsivas; Pediatria; Enfermagem; Simulação Realística; Epilepsia.

INTRODUÇÃO

A epilepsia é uma doença neurológica de alteração temporária e reversível do cérebro, se caracterizando como uma predisposição permanente do cérebro em originar crises epiléticas, que ocorre durante alguns segundos ou minutos. Pode ficar restrita a um local, sendo caracterizada de parcial, ou se espalhar pelos dois hemisférios cerebrais, sendo denominada de generalizada (Brasil, 2022).

Sabemos que, a epilepsia é uma doença que não tem idade, nem gênero e nem cor, mas as causas podem variar de acordo com o público, como por exemplo em crianças, que pode ser por mal formações genéticas, lesão genética ou estrutural, em um indivíduo adulto, podemos elencar um trauma ou acidente (Santana, 2022).

Estima-se que, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) mais de 50 milhões de pessoas no mundo tem epilepsia, e uma pesquisa bibliográfica de cunho epidemiológico, realizada em 2020, relata que se tratarmos de acordo com os determinantes sociais, “a incidência de epilepsia se mostra superior nos países de baixa e média renda” (Lima et al., 2020).

E a OMS (2019) irá enfatizar, que é justamente nesses países de baixa renda, que 75% das pessoas que vivem com epilepsia não tem um tratamento adequado, seja pela falta de diagnóstico, falta de recursos para arcar com o tratamento farmacológico ou médico, ou políticas públicas adequadas.

Por outro lado, o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Epilepsia do Ministério da Saúde do Brasil de 2018, vem definir a crise epilética como uma ocorrência transitória de sinais ou sintomas clínicos decorrente de uma atividade neuronal anormal excessiva ou sincrônica, que pode ser desencadeado por doença febril, distúrbios metabólicos ou drogas, e não necessariamente a pessoa precisa ter a doença em si (Brasil, 2018).

Quando falamos em pediatria, as convulsões infantis constituem um fenômeno neurológico mais comum e mais complexo para essa faixa etária, porque demandará uma análise multidisciplinar que buscará compreender suas origens, seu tipo e suas consequências, com o intuito de descobrir as variáveis que influenciam para promover intervenções adequadas (Brito et al., 2024).

Ao longo da história percebemos uma mudança nas terminologias médicas conforme a ciência avançava, e decorrente disso as convulsões é referida por diversos nomes, como episódio convulsivo, ataque epiléptico, espasmos epiléticos, espasmos-parcial-consciente ou tônico-clônicas generalizadas, isso é importante para entendermos o manejo clínico, e assim propormos uma terapêutica e um prognóstico correto (Brito et al., 2024).

Em vista disso, Segundo Silva et al. (2022), a simulação clínica em saúde é uma ferramenta que procura reproduzir a realidade, sendo uma proposta de reprodução de cenários clínicos simulados, que veem com o intuito de promover diferentes competências na esfera do cuidado.

A falta de experiência ou a afinidade para com o público de pediatria, pode desencadear dificuldades na atuação de enfermeiros, principalmente porque é necessário estabelecer um vínculo com a criança, e com a família da mesma, que em situações de urgência e emergência, como em crises epiléticas, pode desencadear o medo e o desespero, levando o profissional a não saber como agir diante dessas situações (Kieling et al., 2024).

Dessa forma, a simulação realística no ensino da enfermagem pode ajudar a preparar o acadêmico para a prática, auxiliando em suas dificuldades, e aprimorando as suas habilidades e aptidões específicas para o cuidado em pediatria, o que difunde o uso da simulação clínica como ferramenta educativa (Silva et al., 2022).

No contexto universal, encontramos poucos artigos que subsidiem essa temática, mas percebemos que as poucas ações são desenvolvidas de uma forma geral e que muitas vezes, o tema se relaciona ao público adulto e não ao pediátrico. A motivação para abordar esse tema ocorreu da afinidade das autoras para com a Neurologia e a Epilepsia, bem como por ser uma temática que pouco vem sendo discutida.

A relevância deste estudo está em realizar investigações para o preenchimento na identificação de lacunas do conhecimento científico sobre o tema, e para aprimorar futuras intervenções para os profissionais de enfermagem.

Diante dessa situação, surgiu a seguinte questão norteadora de pesquisa: “Como a simulação realística pode contribuir para o desenvolvimento das competências clínicas de acadêmicos de enfermagem no atendimento a pacientes

pediátricos em crises convulsivas?”, cujo objetivo foi descrever a contribuição da simulação realística nas competências de enfermagem para pacientes pediátricos com crises convulsivas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem métodos de caráter observacional e descritivo, sobre as contribuições da simulação realística nas competências de enfermagem para pacientes pediátricos com crises convulsivas.

Na primeira etapa, foi realizada uma revisão bibliográfica para identificar as lacunas existentes na prática e segurança dos acadêmicos sobre crises convulsivas decorrentes da epilepsia, e na segunda etapa, elencamos as contribuições da simulação realística para o ensino e aprendizagem de discentes na prática clínica. As bases de dados utilizadas foram SciELO e Public MedLars (PubMed) (<https://www.scielo.br/>, <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/>), além disso, incluiremos a literatura cinzenta, por meio do Google acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), ambos baseados no contexto da saúde da criança e do recém-nascido com epilepsia.

Passou-se a utilizar como critério de escolha os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Simulação Realística, Pediatria, Epilepsia/Crises Convulsivas e Enfermagem, considerando-se as variações a combinação com os operadores booleanos AND e OR, para obtenção das estratégias finais.

Como critério de inclusão, teremos as pesquisas relacionadas as simulações realísticas em pediatria e as crises epiléticas como ferramenta de ensino e aprendizagem em enfermagem, publicadas integralmente em qualquer idioma, e que estejam disponíveis na íntegra por meio das bases acima citadas. Realizou-se a delimitação temporal do período de 2014 a 2024, com o intuito de evidenciar os principais estudos sobre a temática nos últimos dez (10) anos.

Serão descartados todos aqueles que não possuem informações relevantes para a pesquisa, que possuam outros tipos de simulações que não sejam as com crises epilética, e artigos de revisão narrativa, integrativa, teses, monografias, dissertações, estudos de caso, relato de experiência e outros tipos de revisão.

Quadro 1: Estratégia de busca e número de artigos identificados nas diferentes bases de dados, Fortaleza, Ceará, 2025.

Bases de Dados	Estratégia de Busca	Total
Embase	Simulation training AND Pediatric AND Seizure AND Nursing	7
SciELO	((Simulation Training) AND (Seizures)) OR (Epilepsy) AND (Pediatrics) AND (Nursing)	0
Scopus	'simulation training'/exp OR 'simulation training' OR (('simulation'/exp OR simulation) AND ('training'/exp OR training))) AND ('seizure'/exp OR 'seizure') AND ('pediatrics'/exp OR 'pediatrics') AND ('nurse'/exp OR 'nurse')	3
MEDLINE/PubMed	((Simulation Training) AND (Seizures)) AND (Pediatrics) AND (Nursing)	4
Portal Capes	Simulation training AND Pediatric AND Seizure AND Nursing	2

Fonte: Dos autores.

Foram encontrados ao todo 16 artigos nas bases de dados acima citadas, mas de acordo com o critério de escolha foram selecionados para essa pesquisa apenas quatro artigos.

Na Embase, 1 artigo não tinha resumo, 2 eram apenas resumos e 3 não estavam disponíveis nas bases, 4 artigos disponíveis na Medline não entraram porque não respondiam à pergunta de pesquisa, tinham a ver com o tema, mas o contexto e a população mudavam, principalmente pela questão de intoxicação desses por medicamentos, na Scopus 2 não entraram por ser dissertações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidenciou que a simulação realística é amplamente reconhecida como estratégia eficaz para desenvolver competências clínicas em enfermagem pediátrica.

A epidemiologia descrita por Lang et al. (2024) evidencia que a epilepsia e suas manifestações, incluindo crises febris, têm alta prevalência na infância, especialmente em países como os Estados Unidos. O autor ainda procura enfatizar que as causas de internações em menos de 30 dias estão associadas a esse fator.

Por outro lado, apesar da tecnologia em alta, percebemos que as causas vêm desde uma dificuldade em agendar uma consulta a problemas financeiros, como a dificuldade em manter uma avaliação com o neurologista e a rotina de medicações, mas isso também costuma reacender um problema que é comum em todos os países, a falta de comunicação entre profissionais e familiares, ou entre profissionais e alunos, ou vice-versa (Lang et al., 2024).

Mas logo, os autores procuram destacar a relevância de capacitar enfermeiros desde a graduação para o manejo dessa condição, visto que os mesmos desempenham um papel fundamental em ensinar os pacientes e suas famílias, e a simulação surge como ferramenta essencial para suprir lacunas de treinamento clínico na pediatria (Lang et al., 2024).

De acordo com um estudo desenvolvido por Rideout, entre 2013 e 2015, mostrou que estudantes e profissionais expostos a cenários simulados adquirem maior segurança e precisão técnica no manejo de situações críticas, como crises convulsivas, favorecendo a integração entre teoria e prática. Essa abordagem permite que erros sejam corrigidos em ambiente controlado, evitando riscos ao paciente (2016).

Por outro lado, os mesmos autores destacaram que as simulações podem variar de acordo com o objetivo de aprendizagem, onde muitas vezes pode interferir no conhecimento com relação a quantidade de alunos e o tempo de duração da simulação, onde foi percebido que simulações curtas e que não envolvessem todos os discentes, não tinham uma maior eficácia (Rideout, 2016).

No estudo de Kim et al. (2014), que avaliou a atuação de acadêmicos de enfermagem diante de convulsões febris, identificou-se que fragilidades no reconhecimento precoce dos sinais e no manejo imediato impactam negativamente a assistência. A simulação, ao reproduzir a realidade, possibilita o treinamento de

resposta rápida e padronizada, minimizando danos neurológicos e promovendo maior confiança na tomada de decisão (Kim et al., 2014).

A literatura indica que a simulação favorece o desenvolvimento de competências cognitivas, técnicas e atitudinais, onde o mesmo autor irá destacar que o método melhora a comunicação interpessoal e o trabalho em equipe, e aspectos críticos no atendimento de emergências pediátricas. Esses elementos impactam diretamente a segurança do paciente, pois reduzem erros de execução e aprimoram a coordenação das ações entre membros da equipe (Kim et al., 2014).

Do mesmo modo, a insegurança relatada por enfermeiros frente às convulsões febris está associada à falta de treinamento específico. Ao inserir a simulação realística no currículo acadêmico, cria-se a oportunidade de repetição deliberada das práticas, consolidando protocolos e aumentando a capacidade de resposta rápida diante de situações críticas (Rideout, 2016).

Devido a isso, Lang et al. (2024) irá ressaltar que o diagnóstico e o manejo imediato de crises convulsivas requerem avaliação clínica ágil e aplicação correta de medidas de suporte, como controle das vias aéreas. A simulação permite reproduzir essas condutas, inclusive treinando o manejo de recursos limitados, aproximando o cenário de aprendizagem da realidade encontrada em muitos serviços de saúde.

Não só temos em vista a alta morbimortalidade que as crises convulsivas podem causar, mas também principalmente quando falamos em pacientes pediátricos. A simulação, nesse contexto, contribui para reduzir a lacuna entre o conhecimento teórico e a prática clínica, promovendo a aquisição de habilidades que podem reduzir complicações e mortalidade infantil por causas neurológicas (Rideout, 2016).

Por fim, para maximizar o impacto da simulação, é essencial que as etapas de preparação, execução e debriefing sejam conduzidas com rigor metodológico. O debriefing, em especial, potencializa a aprendizagem ao permitir que o estudante reflita sobre suas ações e identifique pontos de melhoria no manejo clínico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quatro estudos analisados convergem para a conclusão de que a simulação realística, quando aplicada de forma estruturada e contextualizada ao

cuidado pediátrico, é capaz de elevar a qualidade da assistência e fortalecer competências clínicas no manejo de crises convulsivas. Essa abordagem prepara o acadêmico de enfermagem para atuar com mais segurança, agilidade e eficácia em cenários críticos.

Uma das lacunas encontradas na pesquisa, foi a dificuldade em encontrar artigos que subsidiassem o tema, fazendo assim que sejam realizadas mais pesquisas na área para aprofundamento da questão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Epilepsia: conheça a doença e os tratamentos disponíveis no SUS. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/marco/epilepsia-conheca-a-doenca-e-os-tratamentos-disponiveis-no-sus>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRITO, Rodrigo et al. Convulsão em crianças. In: MARZÁN DE LA ROSA, Yoel Raydel (org.). *Emergências pediátricas: uma abordagem prática*. São Luís: Editora Científica Digital, 2024. p. 211-218.

KIELING, Maiara et al. Convulsão febril: atuação do enfermeiro frente a situações de urgências e emergências pediátricas. **Revista Gepesvida**, v. 10, n. 23, 2020. Disponível em: <https://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/1174>. Acesso em: 23 jul. 2025.

LIMA, Leandro et al. Epidemiologia da epilepsia: distribuição brasileira e global. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências**, Icó-CE, v. 3, n. 2, p. 1368-1377, mai./ago. 2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. OMS: 75% das pessoas com epilepsia estão sem tratamento em países de baixa renda, 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/83483-oms-75-das-pessoas-com-epilepsia-est%C3%A3o-sem-tratamento-em-pa%C3%ADses-de-baixa-renda>. Acesso em: 23 jul. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da epilepsia. 20 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/pcdt/e/epilepsia/view>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SANTANA, Lorena. Epilepsia, uma doença que atinge 3 milhões de pessoas no Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/web/guest/w/epilepsia-uma-doenca-que-atinge-3-milhoes-de-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SILVA, Ronaldo et al. Simulação em saúde como ferramenta educativa no cuidado de enfermagem pediátrica: uma revisão integrativa da literatura. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, [S. l.], v. 12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.19175/recom.v12i0.4422>. Acesso em: 14 jul. 2025.

KIM, Shin-Jeong et al. “Development and Evaluation of Simulation-Based Fever Management Module for Children with Febrile Convulsion.” *Nurse Education Today*, vol. 34, no. 6, June 2014, pp. 1005–1011, <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2013.11.008>. Acesso em 15 jan. 2022.

LANG, Jenna et al. “Seize the Day: A Quality Improvement Approach to Support Transition of Care and Decrease 30-Day Readmissions for Pediatric Patients with Epilepsy.” **Journal of Pediatric Nursing**, vol. 79, 20 Sept. 2024, pp. 234–240, <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2024.09.010>. Acesso em 23 jan. 2025.

RIDEOUT, Molly. RASZKA, William. “Fever and Seizure in a Young Infant: A Simulation Case.” **MedEdPORTAL**, 28 Sept. 2016, https://doi.org/10.15766/mep_2374-8265.10468. Acesso em 21 Dez. 2021.